

# apresentação

- O primeiro verso é o mais difícil  
o leitor está à porta  
Não sabe ainda se entra  
ou só espia  
se se lança ao livro  
ou finalmente encara  
o dia  
(*O livro das semelhanças*, Ana Martins Marques)

*A poesia resiste à leitura.* Uma frase como essa, passível de ser encontrada em qualquer manual de iniciação à poesia, pode vir a desdobrar muitas das questões discutidas acerca do lugar da poesia na contemporaneidade. No sentido mais comezinho, funciona como uma variação das muitas justificativas que apontam para um de seus *topos* mais reconhecidos – aquele que fez Octavio Paz, em um dos capítulos de seu livro *A outra voz*, intitulado “Os poucos e os muitos”, recorrer a uma frase do poeta Juan Ramón Jiménez, tornando-a célebre para especificar o público de poesia: “a imensa minoria”. Nessa “impossibilidade lógica” – tanto redução quanto expansão – reside um dos *dramas* da poesia, uma vez que põe em xeque seu próprio direito de sobrevivência: quem lê poesia? Quantos? Surpreendentemente, muitos dos que participam da cena poética

estão entre os que se perguntam qual a razão de se pensar, ainda, em termos de poesia, quando o mais adequado seria pôr termo a ela. A reflexão feita pelo poeta e ensaísta mexicano (“Toda reflexão sobre poesia deveria começar, ou terminar, com esta pergunta: quantos e quem são os que lêem livros de poemas?” – 1993, p. 77)<sup>1</sup>, entretanto, é uma prova de que, embora aparentemente haja pacificação quanto ao lugar da poesia no que se refere a sua recepção reduzida, bem como as possíveis razões desse número reduzido, dentre elas a pouca adesão a uma linguagem que resiste à configuração dos sentidos, não está claro se esse é um ponto a ser combatido ou, na melhor das hipóteses, transformado *a favor da* poesia.

Nesse sentido, a ideia de que a poesia possa ser ela mesma uma figura de resistência torna-a apta a posicionar-se de modo mais provocador *contra* o estabelecimento da lógica do rentável, que rege os modos de produção editorial, o que provavelmente explique por que é bastante comum, por exemplo, a criação e sustentação de circuitos alternativos de produção e distribuição de livros de poemas, cujas aparições, no Brasil, não podem ter sua importância minimizada, uma vez que deram origem a movimentos de onde surgiram poetas cruciais para o entendimento da poesia nas últimas décadas, como é o caso de Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski, para citar apenas os casos mais *barulhentos*. Exemplarmente, ainda que, hoje, a consagração de Ana C – palavra utilizada por Luciana di Leone no livro sobre a poeta carioca<sup>2</sup> – tenha instituído uma distância entre sua poética e os traços composicionais da poesia dita marginal, ainda há muito o que ser dito sobre o que há aí de comum, no sentido de ser possível requerer um espaço comunitário que era *motivo* para a produção dessa poeta, ainda que fosse para instituir a dissensão, muitas vezes, teatralizada, encenada, no momento mesmo em que a presença do traço renegado serve mais para confundir a crítica do que para estabelecer, de fato, a diferença.

---

<sup>1</sup> PAZ, Octavio. *A outra voz*. Trad. W. Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

<sup>2</sup> LEONE, Luciana di. *Ana C.: as tramas da consagração*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

Leminski figura, ainda, em qualquer lista de poetas contemporâneos, como se pode ver em artigo deste número da revista de autoria de Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari; e tido como um poeta que estabeleceu novos paradigmas estéticos que permitem, inclusive, apontar para um *fora* da poesia que tem sido cada vez mais requisitado pela crítica brasileira como um dos *possíveis* para a sua sobrevivência. Há ainda muito a se discutir sobre a relação entre desestetização e não-resistência dos sentidos, mas o certo é que o caso Leminski põe à prova a ideia de “imensa minoria”, quando, ao se tornar um fenômeno editorial com a publicação de *Toda poesia*, comprova a amplitude da recepção que cabe na palavra “imensa”, ainda que de modo excepcional.

De todo modo, o fato de nomes como Haroldo de Campos e Paulo Leminski constarem em número de revista sobre a poesia brasileira contemporânea, como acontece aqui nos textos de autoria de Ana Carolina Lopes Costa e Sandra Ferrari, demonstra o quanto ainda são fortes suas presenças, produzindo algo próximo ao que Bénédicte Gorrillot, em relação a Francis Ponge, chama de “atualidade” dos predecessores. Não se trata, aqui, de mapear nomes para quem esses poetas são uma espécie de guia, como o faz Gorrillot, mas tão somente de, a partir daí, acentuar a ideia de que figurar como resistência diz respeito, sobretudo, a uma interpelação do real – o movimento sem cessar da poesia para o interior e o exterior de suas questões – que passa pelas formas do diálogo, da infidelidade e da diferença com a sua tradição, necessárias para que a discussão possa continuar. Por isso, denominar de “retradicionalização, que opera apenas a “conceitualização dos conteúdos”, de maneira frívola, numa espécie de *virar as costas* para o que acontece no presente, como o faz Iumna Simon ao analisar a situação contemporânea, é desconsiderar esse movimento de diferença, que se traduz em pensamento crítico na constituição das poéticas distintas que circulam hoje no campo poético brasileiro. De posse da herança, ou seja, de tudo que pode constituir um pensamento forte, ao mesmo tempo intransigente e “paradoxal”,

no seu aspecto fantasmal e *infiel*, a poesia não apenas é “companheira de viagem do presente”, segundo as palavras de Simon ao dizer o que ela não-é, e cuja imagem tem tudo para indicar apenas uma relação amigável, de mútuo acompanhamento, mas uma adversária que, com sua extemporaneidade exigente, cria paisagens que atravessam a história, que *perfuram* o tempo até chegar ao presente, como neste poema de Augusto Massi, em *Gabinete de Curiosidades*:

ARAME FARPADO

[1874]

Patenteado para proteger  
as grandes propriedades,  
fez fortuna nas trincheiras  
da Primeira Guerra Mundial.  
Vingou de modo avassalador  
nos campos de concentração.  
O famoso três em um:  
cerco policial, coroa de espinhos,  
claustrofobia a céu aberto.  
Entre seus principais clientes:  
presídios, fábricas, hospícios.  
Decorou o muro de Berlim.  
Patrimônio histórico da barbárie. (2006, p. 39)

É pela *coisa*, metonimicamente, que a história é atravessada. A definição da *coisa*, em seu estado de dicionário, expõe a violência dos meios que instaura a “barbárie”, não apenas histórica, mas contemporânea, com seus cercos policiais, “presídios, fábricas, hospícios” e a “claustrofobia a céu aberto” de que somos testemunhas, a todo instante, tanto pela TV como presencialmente, desde que se retomou, no Brasil, a licença de saída às ruas em forma de protesto. Sem nomeá-los, o que se explicita é o aprisionamento, o entrincheiramento, dos corpos, demarcando a escuridão dos “presentes imprecisos”, para usar uma expressão de Flora Süssekind.

“Escuridão” é o título de um dos poemas de Masé Lemos, no livro *No circuito das linhas*, que aponta outro modo de interpelar o real. E esse é um ponto sempre urgente a ser tratado nos estudos contemporâneos: o manto da diversidade, e o desejo de que sirva de abrigo definidor de toda produção, contraditoriamente, tende a construir generalidades que obliteram os estudos de caso, a circundução de determinadas poéticas, o que é sempre mais trabalhoso do que o panorama, a palavra de ordem. Menos ainda do que “companheira de viagem”, a poesia de Lemos adverte logo que nem mesmo “é um roçar de mão” o que se deve fazer ou tentar fazer ao “seguir” uma “linha já partida”, que tanto pode ser alusão ao que vem depois na estrofe quanto à epígrafe de Carlito Azevedo que recobre o poema: “a voz que se ouve é a/ da menina com óculos ray-ban”.

Isto não é um roçar  
de mão. Tento seguir essa linha  
já partida  
alguém mudo  
do outro lado  
a rua

O sol de março  
arde  
os olhos da menina sem óculos  
escuros (ela tão pobre e o excesso de luz).  
Suas retinas retraem  
o caminho.

Vou pela esquerda  
quando o sol se abaixa para ficar ainda mais longe  
ela e seus olhos agora abertos e sem luz  
deixam cair seus braços  
retomam lado leste devolvem para esta cidade do Rio de Janeiro  
a linha tênue do horizonte.

Meus olhos doem no seu cabelo sem brilho.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> LEMOS, Masé. *No circuito das linhas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.

O olhar de través trata, primeiro, do olhar do outro – “os olhos da menina” – até confessar, no último verso, isolado dos demais, solitário como a cena que descreve, a sua “dor”; é a visão de um “eu” – “meus olhos” – que descreve, ou que impõe, a distância inevitável entre o olhado e aquele que olha nas ruas de uma grande cidade, sentenciando a escuridão por vir num dia claro de sol. Ao invés do encontro, a ida “pela esquerda”, abrindo o horizonte da cidade do Rio de Janeiro que, embora à vista, ou por isso mesmo, não traz nenhuma pacificação. É uma variação da “claustrofobia a céu aberto”; não menos histórica ou contemporânea na medida em que responde às injunções de seu tempo com uma dicção herdada que reivindica a sua propriedade.

São essas dicções distintas que, por vezes, se reúnem em projetos comuns que, de certo modo, revelam a constituição de comunidades quase nunca plenamente assumidas. Porém, outro modo de tratar a resistência à poesia é investir em formas que geram não apenas novos tipos de recepção, mas também de produção – como fizeram gerações anteriores. A organização de coleções como a Ciranda de poesia<sup>4</sup>, em que um autor, geralmente poeta, faz a crítica de outro poeta, ou coleções como a da Luna Parque Edições, em que dois poetas publicam um livro juntos, são projetos que contribuem para a quebra de resistência à recepção que tem a ver tanto com a criação de novos formatos de produção quanto com a distribuição por pequenas editoras ou editoras universitárias que não possuíam antes tradição no campo da poesia. Presente neste volume da revista, a entrevista feita por Masé Lemos com os poetas Lu Menezes e Augusto Massi, que publicaram recentemente o livro *Gabinete de curiosidades*, na coleção da Luna Parque, é reveladora desse processo de transmutação da criação, distribuição e recepção. Também a resenha feita por Aline Rocha sobre a reedição do livro *Risco no*

---

<sup>4</sup> A coleção Ciranda de poesia, organizada pelo Italo Moriconi, é publicada pela Eduerj – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

*disco*, da poeta Ledusha, publicado originalmente no início dos anos 1980, aponta para a existência de um campo propício à atualização da leitura do passado recente.

O texto de Nívia Maria Santos Silva, que trata da negação da “retradicionação frívola” em Bruno Tolentino, o de Miguel Heitor Braga Vieira, sobre a metalinguagem em poemas de Paulo Henriques Britto e o de Pedro Serra, acerca de sonetos do poeta espanhol Fernando Merlo, estendem essa discussão apenas iniciada aqui. São textos que refletem sobre a *herança* das formas nesses autores, o que é outra maneira de tratar as tensões produzidas pelas conceituações da poesia contemporânea. Sonetos, poemas longos, curtos, visuais, poemas em prosa e suas derivações, poemas que se valem de imagens, de performances, etc. desdobram-se não apenas em autores distintos, mas, muitas vezes, em um mesmo poeta, que trabalha essas formas ora aproximando-se de suas gêneses, ora apenas assumindo alguns de seus traços, cabendo ao leitor realizar o percurso de identificação. Também o uso do *enjambement*, da *écfrase*, da *anáfora*, o corte e o prolongamento dos versos, entre outros, bastante citados como procedimentos formais comuns na poesia de hoje, dispõem não apenas sobre a feitura dos poemas, mas sobre os diferentes modos de concebê-los, que, reiteramos, não são pacíficos nem produzem uma unidade *dentro* da diversidade. O texto de Érica Alves Rossi e Elcione Ferreira Silva, que trata dos traços construtivos da poesia de Manuel de Barros, pelo viés da metalinguagem, reportam-nos a um poeta que nunca se deixou aprisionar. Em texto elucidativo sobre as relações artísticas e políticas, Flora Sússekind vaticina: “Por vezes, intradiferenciações que minam dicções aparentemente homogêneas ou controladamente heterogêneas têm também como alvo direto o funcionamento do campo literário, suas disputas discursivas e as possibilidades de autofiguração autoral”<sup>5</sup>. Também o crítico e poeta Marcos Siscar, em livros de ensaios como *Poesia e*

<sup>5</sup> SÜSSEKIND, Flora. Ações políticas/ ações artísticas. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-antiores/93-especial/1742-ações-políticas,-ações-artísticas.html> Acesso em: março de 2017.

*crise* e *De volta ao fim*, reitera, diversas vezes, que o atual estado de coisas da poesia contemporânea não diz respeito tão somente à convivência pacífica da diversidade, da multiplicidade de vozes dissonantes que formam o compósito dessa produção. Ele afirma que “Tomada do modo como tem sido, a noção de diversidade funciona como modo de ocultamento das forças e violências que a mantêm”<sup>6</sup>.

Como provocação, isso nos faz pensar em outras consequências além das tratadas por Siscar. “Provocação” é uma das palavras usadas, mais de uma vez, por Laura Castro para tratar da poesia *maloqueirista* em seu ensaio nesta revista; coletivo que surge na cena poética paulistana, demonstrando que o legado da poesia viva, com a “marca suja” da vida, está longe de ser extinto; pelo contrário, o desafio é constantemente relançado na invectiva explícita que estabelece a interlocução: “você já leu um poeta vivo hoje?”. Não é outra senão essa a questão que se lança quando apresentamos na seção “Poemas” a produção de poetas que, de um modo ou de outro, relacionam-se com a cidade de São José do Rio Preto – São Paulo.

Ainda há um enorme fosso, por exemplo, entre aqueles que produzem e distribuem “de mão em mão” suas publicações independentes e os que se reúnem em torno de um projeto comum de publicação sustentados pela autoridade de seus nomes na cena poética contemporânea. Aqui, prevalece a figura da *ignorância*, com esses últimos se valendo de sua relativa estabilidade *como* poetas para constituírem uma espécie de casta que atribui a existência de coletivos a uma época que sobrevive apenas como presença da herança das chamadas derradeiras vanguardas brasileiras, assinaladas pelas presenças magistras do concretismo e da poesia marginal. Tal ignorância diz respeito aos modos como constituímos uma certa

---

<sup>6</sup> SISCAR, Marcos. O *tombeau* das vanguardas: a “pluralização das poéticas possíveis” como paradigma crítico contemporâneo. In: *De volta ao fim*. o fim das vanguardas como questão da poesia contemporânea. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.p. 37.



ideia de presente que apenas de modo restrito dá conta de (re)conhecer o que acontece, uma vez que o acontecimento é da ordem do interpretável. Para que não se sustente a ideia de que há aí uma dívida a ser saldada por apenas um dos lados, também os grupos que mantêm uma produção independente raramente atentam para a produção do *establishment* contemporâneo, preferindo buscar suas referências nos movimentos de vanguarda do início do século XX. Textos como o de Laura Castro e o de José Eduardo Martins de Barros Melo, que trata do poeta pernambucano Francisco Espinhara, nos fazem atentar para os modos de funcionamento dos circuitos e a violência que há *entre* eles. Pode-se dizer o mesmo do texto de Talita Cristina Bandeira de Figueiredo e Célia Maria Domingues da Rocha Reis, sobre a poesia da poeta mato-grossense Marilza Ribeiro. São textos que têm uma difícil tarefa: fazer a crítica, no sentido de inaugurá-la, de poetas que não participam dos circuitos estabelecidos.

Nenhuma das discussões iniciadas nesta apresentação se mostram alheias a um campo artístico-literário mais amplo. E é por isso a necessidade de recapitular – voltar ao início. Os dois primeiros textos que abrem este volume sobre poesia contemporânea, cada um tratando de assuntos bastante específicos, remetem-nos a um tema constantemente reinterpretado em tempos de predominância dos sentidos do cultural: a aliança subjacente do campo artístico-literário brasileiro com o europeu; especificamente o francês. Posta, muitas vezes, como prova de subordinação intelectual, parece revelar, de fato, uma questão sempre irresolvida da crítica brasileira com a teoria, que passa por um exacerbado nacionalismo, tão bem desconstruído por autores como Silviano Santiago e Leyla Perrone-Moisés. Os textos deste número da revista, sem tratarem da questão, acabaram por demonstrar que estabelecer uma polarização é incorrer no equívoco da desatenção às diferenças. Não somente as relações existem, como propiciam contaminações, e também dissensões, determinantes para a produção brasileira. O longo texto de Bénédicte Gorrillot, inédito, inclusive, na França, foi apresentado durante um curso na Unicamp,

no período de 30 de setembro e 1º de outubro de 2015. Trata sobre a diversidade da poesia francesa contemporânea, a partir do paralelo com poetas-leitores de Francis Ponge. Muitos dos impasses apresentados no decorrer do texto podem nos ajudar a ler nossos próprios impasses. O texto de Marcio Renato Pinheiro da Silva acerca do conceito de poesia moderna desenvolvido por Roland Barthes enfrenta questões que são ainda as nossas quando há a disposição de refletir sobre os sentidos do contemporâneo.

A literatura consigna a si mesma uma forma de resistência. Florência Garamuño, no ensaio *Poderes da afetividade: a destituição do sujeito e o seu potencial de resistência*, propõe-se a pensar sobre “formas de resistência na poesia mais contemporânea”<sup>7</sup>. Para essa estudiosa, a resistência na poesia é muito mais do que uma força que se opõe à outra força, pois seu poder se condensa, exatamente, na sua porosidade e na vulnerabilidade diante do mundo. Na verdade, reside aí uma figuração que, se, por um lado, fragiliza o texto literário, o reduz a “gravetos”, aludindo a uma feliz concepção poética criada por Sebastião Uchoa Leite; por outro, o potencializa, se pensarmos que a encenação do poético carrega consigo um ato de violência e, como tal, um poder de incorporação das questões que lhe são inerentes. Isso nos faz pensar na resistência como potência ativa da palavra, ou seja, um movimento a contrapelo que reidrata a palavra e cria um curto-circuito na própria linguagem. Milena Britto ressalta em sua resenha sobre o *Livro das postagens*, de Carlito Azevedo, que esse poeta, por meio de seus *cubos-poemas*, realiza “um profundo questionamento acerca da poesia, da arte, dos homens das artes”, a ponto de circuitar a comunicação com o leitor.

No ensaio *Resistência da poesia*, Jean-Luc Nancy<sup>8</sup>, um dos poetas de que trata o texto de Gorrillot, ressalta que a poesia, sendo uma

---

<sup>7</sup> GARAMUÑO, Florência. *Poderes da afetividade: a destituição do sujeito e o seu potencial de resistência*. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB\\_Escritos\\_3\\_11\\_Florenca\\_Garramuno.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_11_Florenca_Garramuno.pdf) Acesso em: março de 2017.

<sup>8</sup> NANCY, Jean-Luc. *Resistência da poesia*. Trad. Bruno Duarte. [s/l]: Edições Vendaval, [s/d].

unidade indeterminada, quando assume a responsabilidade do poético, assume também que o seu caráter “elevado”, “tocante”, não confundido com sublimação (pelo menos não naquilo que Nancy chama de acesso fácil ao sentido concentrado no dizer), é, por si só, uma forma de resistência. Isso porque a poesia não se inclina a um sentido propriamente dito. O seu *ethos* engendra uma “ação integral da disposição para o sentido”. Dito de outro modo, isso envolve pensar que o estatuto ambíguo da poesia, a recusa de sentido, é também a sua afirmação na medida em que faz da intransitividade acesso para o seu impasse. Encena-se, nesse caso, um “modo de dizer-além-de”<sup>9</sup> que coloca o poético em tensão por força de sua própria opacidade. Na entrevista que concede para a revista, Siscar alude a “um esforço a ser feito”, que diz respeito justamente à necessidade de “continuar arrancando sentido do fluxo pantanoso de insignificância no qual se tem tentado jogar a poesia”. Há aí um sentido forte de “resistência” que deve ser constantemente reafirmado. É uma das apostas da **Alere** ao acolher as questões da poesia contemporânea neste número.

## AS ORGANIZADORAS

LÍLIAN REICHERT COELHO (UFSB)

MILENA MAGALHÃES (UFSB)

ROSANA NUNES ALENCAR (UNIR)

---

<sup>9</sup> Idem.